

**1. Górgias *Elogio de Helena* 1-2, 8-14 e 21**

O ordenamento dum cidade está na coragem dos seus cidadãos, o dum corpo na sua beleza, o dum alma na sua sabedoria, o dum ação na sua excelência e o dum discurso na sua verdade. O contrário será o caos. Em relação, pois, a um homem e a uma mulher, a um discurso e a uma ação, a uma cidade e a um negócio de estado, convém elogiar o que for elogiável e censurar o que for indigno. É que existe igualmente erro e ignorância em censurar o louvável e louvar o censurável. Compete também ao mesmo homem dizer o que é justo que se diga e refutar os detratores de Helena, uma mulher a respeito de quem são uníssonos e unânimes quer o crédito que lhe concedem os poetas que escutamos, quer a fama de seu nome, que transporta consigo a lembrança de acontecimentos funestos. O que eu pretendo, ao dar uma lógica ao discurso, é libertar da culpa quem sofre de tão má reputação, desmascarar os que pela calúnia enganam e, mostrando a verdade, fazer cessar a ignorância.

(...)

Mas se foi o discurso que a convenceu e lhe enganou a mente, também não será difícil defendê-la disso e libertá-la da acusação, como passo a fazer. O discurso é um senhor soberano que, com um corpo diminuto e quase imperceptível, leva a cabo ações divinas. Na verdade ele tanto pode deter o medo como afastar a dor, provocar a alegria e intensificar a compaixão. Que isto é mesmo assim, vou-o demonstrar. É necessário, porém, que eu o demonstre também à opinião dos ouvintes. Eu concebo e designo igualmente toda a poesia como um discurso com ritmo. Um temor reverencial, uma comovida compaixão e uma saudade nostálgica insinua-se nos que a ouvem. Por intermédio das palavras, o espírito deixa-se afetar por um sentimento especial, relacionado com sucessos e insucessos de pessoas e acontecimentos que nos são alheios. Mas, adiante! Passemos deste a um outro argumento. Na verdade, os discursos harmoniosos, inspirados pelos deuses, provocam uma sensação de bem-estar, dissipando a tristeza. A força da palavra mágica, convivendo com a opinião do espírito, fascina-o, convence-o e transforma-o por encantamento. Descobriram-se dois processos de encantamento e magia, que são os erros do espírito e os enganos da opinião. Quantos convenceram e convencem tantos outros a propósito de outras tantas coisas, forjando um falso discurso. Na verdade, se todos, a respeito de tudo, conservassem tanto a memória do passado como a noção do presente e a previsão do futuro, o discurso não seria igualmente idêntico para aqueles, que neste momento não conseguem facilmente recordar o passado, refletir o presente e prever o futuro. De sorte que, para a generalidade dos assuntos, a generalidade das pessoas assume a opinião como conselheira. Mas a opinião, sendo incerta e inconstante, lança os que dela se servem em incertas e inconstantes situações. Que motivo nos impede, pois, de pensar que também Helena se terá deixado seduzir do mesmo modo pelos discursos, não de sua livre vontade, mas como se fosse arrastada por uma força poderosíssima? De fato, no que respeita à situação de persuasão, esta não é de modo algum apenas parecida com a necessidade, mas possui a mesma força. É que o discurso persuasor da mente, persuade-a, força-a tanto a acreditar no que foi dito como a consentir no que foi feito. Portanto, é que persuade que é culpado de prática de violência, ao passo que a que foi persuadida, porque constrangida pelo discurso, é, sem razão, objeto de má reputação. (...) Relação idêntica possuem a força do discurso em ordem à disposição do espírito e a prescrição dos medicamentos para a saúde do corpo. Na verdade, assim como certos medicamentos expulsam do corpo certos humores, suprimindo uns a doença e outros a vida, do mesmo modo, de entre os discursos, uns há que inquietam, outros que encantam, outros que

atemorizam, outros que incutem coragem no auditório, outros ainda que, mediante uma funesta persuasão, envenenam e enfeitiçam o espírito.

(...)

Com esse discurso afastei a ignomínia que pesava sobre uma mulher e permaneci fiel ao objetivo que fixei no início do discurso; tentei destruir a injustiça duma censura e a ignorância duma opinião; quis fazer deste discurso um elogio para Helena e um divertimento para mim.

(trad. de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro)

## **2. Platão *Filebo* 58a-b**

Da minha parte, Sócrates, ouvi, muitas vezes, Górgias repetir que a técnica da persuasão ultrapassa em muito todas as outras, pois a ela submetem-se todas as coisas - não por violência, mas de bom grado - por ser ela, de longe, a melhor dentre todas as técnicas. Não gostaria, por isso, de me opor, agora, nem a ti nem a ele.

(trad. de Fernando Muniz)

## **3. Xenofonte *Memoráveis* 1. 1. 1-4**

Admirou-me muitas vezes por que argumentos, afinal, lograram os acusadores de Sócrates persuadir os atenienses de que ele merecia a morte por crime contra o Estado. Com efeito, eis pouco mais ou menos os termos da acusação: Sócrates é culpado de não venerar os deuses que o Estado venera e de introduzir novas divindades. Culpado ainda de corromper os jovens. A que testemunho, afinal, recorreram para provar que ele não honrava os deuses do Estado, se fazia sacrifícios frequentes às abertas, ora em sua casa, ora nos altares, e se publicamente recorria à arte divinatória? Corria a voz, ateadada pelo próprio Sócrates, de que o inspirava um demônio: eis, sem dúvida, por que o crimina de introduzir novas divindades. No entanto, não introduzia ele mais novidades do que todos aqueles que creem na adivinhação e interrogam o voo das aves, as vezes, os signos e as entranhas das vítimas: não supõem nas aves nem naqueles com que se encontram o conhecimento do que buscam, mas acreditam que por seu intermédio lho revelam os deuses. Sócrates também pensava o mesmo.

(trad. de Líbero R. de Andrade)

## **4. Xenofonte *Memoráveis* 1. 1. 10-13 e 16**

No mais, Sócrates sempre viveu à luz pública. Pela manhã saía a passeio e aos ginásios, mostrava-se na ágora à hora em que regurgitava de gente e passeava o resto do dia nos locais de maior concorrência, o mais das vezes falava, podendo ouvi-lo quem quisesse. Viram-no ou ouviram-no alguma vez fazer ou dizer algo contrário à moral, ou à religião? Abstendo-se, ao revés da maioria dos outros filósofos, de dissertar sobre a natureza do universo, de indagar a origem espontânea do que os sofistas chamam "cosmos" e a que leis fatais obedecem os fenômenos celestes, ia a ponto de demonstrar a loucura dos que vacam a semelhantes especulações. Antes de tudo examinava se eles presumiam ter aprofundado suficientemente os conhecimentos humanos para se ocuparem de tais assuntos, ou se achavam razoável pôr de parte o que está ao alcance do homem para intrometer-se no que aos deuses pertence. (...) Quanto a ele, discutia constantemente tudo o que ao homem diz respeito, examinando o que é o piedoso e o ímpio, o belo e o vergonhoso, o justo e o injusto, a sabedoria e a loucura, o valor e a pusilanimidade, o estado e o homem de Estado, o

governo e o governante e mais coisas deste jaez, cujo conhecimento lhe parecia essencial para ser virtuoso e sem o qual se merece o nome de escravo.

(trad. de Líbero R. de Andrade)

### **5. Platão *Apologia de Sócrates* 18a-19c**

É justo, atenienses, que eu me defenda, em primeiro lugar, das primeiras aleivosias contra mim e dos primeiros acusadores; depois das recentes e dos recentes. Com efeito, muitos acusadores tenho junto de vós, há muitos anos, que nada dizem de verdadeiro. A esses tenho mais medo que aos da roda de Ânito, posto que estes também são temíveis. Mais temíveis, porém, senhores, são aqueles que, encarregando-se da educação da maioria de vós desde meninos, fizeram-vos crer, com acusações inteiramente falsas, que existe certo Sócrates, homem instruído, que estuda os fenômenos celestes, que investigou tudo o que há debaixo da terra e que faz prevalecer a razão mais fraca. Por terem espalhado esse boato, atenienses, são esses os meus acusadores temíveis, porque os seus ouvintes acham que os investigadores daquelas matérias não creem tampouco nos deuses. Depois, esses acusadores são numerosos e vêm acusando há muito tempo; mais ainda, falavam convosco na idade em que mais crédulos podíeis ser, quando alguns de vós éreis crianças ou rapazes, e a acusação era feita à inteira revelia, sem defensor algum. De tudo, o que tem menos sentido é não se poderem dizer nem saber os seus nomes, salvo quando se trata, porventura, de um autor de comédias. (...) Vejamos: que é mesmo o que afirmam os caluniadores em sua difamação? Como se faz com o texto das acusações, leiamos o das suas: "Sócrates é réu de pesquisar indiscretamente o que há sob a terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento." É mais ou menos isso, pois é o que vós próprios víeis na comédia de Aristófanes - um Sócrates transportado pela cena, apregoando que caminhava pelo ar e proferindo muitas outras sandices sobre assuntos de que não entende nada. Dizendo isso, não desejo menoscabar tais conhecimentos, se é que os possui alguém - não será desse crime que me há de processar Meleto - mas a verdade é que não tenho deles, atenienses, a mais vaga noção.

(trad. de Jaime Bruna)

### **6. Aristóteles *Metafísica* 1. 6 (987a-b)**

Platão, com efeito, tendo sido desde jovem amigo de Crátilo e seguidor das doutrinas heraclitianas, segundo as quais todas as coisas sensíveis estão em contínuo fluxo e das quais não se pode fazer ciência, manteve posteriormente essas convicções. Por sua vez, Sócrates ocupava-se de questões éticas e não da natureza em sua totalidade, mas buscava o universal no âmbito daquelas questões, tendo sido o primeiro a fixar a atenção nas definições. Ora, Platão aceitou essa doutrina socrática, mas acreditou, por causa da convicção acolhida dos heraclitianos, que as definições se referissem a outras realidades e não às realidades sensíveis. De fato, ele considerava impossível que a definição universal se referisse a algum dos objetos sensíveis, por estarem sujeitos à contínua mudança. Então, ele chamou essas outras realidades Ideias, afirmando que os sensíveis existem ao lado delas e delas recebem os seus nomes.

(trad. de Marcelo Perine)